

O TEMPO DOS VERBOS NO PORTUGUÊS

MARIA LUISA MONTEIRO SALES CORÔA

REFERENCIAÇÃO E DISCURSO

INGEDORE VILLAÇA KOCH ET AL.

SEMÂNTICA FORMAL

ANA LÚCIA MÜLLER ET AL.

Ronaldo de Oliveira Batista*

A reflexão sobre o significado lingüístico e seus fenômenos é parte da tradição intelectual do Ocidente. O que é o significado de uma palavra, de um texto? Como os sentidos se formam por meio das línguas? Perguntas como essas sempre fizeram parte do imaginário do homem em busca de respostas para o entendimento do que são as línguas e a linguagem humana. Mas essa longa história nem sempre garantiu espaço privilegiado para as questões do sentido, do significado, da significação, compreendidas de forma ampla pelo campo de estudos chamado de *semântica*, área da Lingüística com uma história envolvida em obscuridade, desprestígio e também em destaque, resultados poderosos, associação com a filosofia e, enfim, prestígio acadêmico.

Essa tumultuada história da semântica reconhece períodos de grande diversidade teórica e metodológica. No século XIX, por exemplo, o foco estava voltado para perspectivas históricas, como as alterações dos significados lexicais ao longo da evolução das línguas. Em outros momentos da lingüística, foram os fenômenos da semântica lexical (como a homonímia, a polissemia, a antonímia, a sinonímia) que estiveram no centro da reflexão, com preocupações muito mais sincrônicas que diacrônicas. Já em outros estágios, abordagens semânticas eram vistas com desconfiança; o quadro estruturalista, em seus primeiros momentos no século XX, não definiu com exatidão o papel que o estudo do significado teria numa teoria que procurava, de forma explícita, as relações nos sistemas lingüísticos. Formou-se, então, ao longo de uma trajetória instável e inquietante, uma semântica da palavra, uma da sentença e, bem mais moderadamente, uma do texto.

Na corrente histórica, o século XX caracterizou-se como um momento em que diferentes abordagens sobre o significado lingüístico se fizeram presentes, marcando a heterogeneidade de um campo, com caminhos diversos, métodos diferentes, mas uma mesma busca: o entendimento do que é significar por meio da linguagem humana. Ao longo desse século passado e na trajetória contemporânea, os estudos sobre o significado ganharam de vez o seu estatuto acadêmico; a área não pára de demonstrar suas tentativas de responder às indagações que o significado e toda a sua complexidade colocam. Pode-se evidenciar tal fato num breve panorama de três obras lançadas recentemente que desvendam diferentes propostas da semântica contemporânea e dos diálogos que ela propõe com outros níveis de análise como nas interfaces semântica-léxico, semântica-sintaxe, semântica-pragmática-discurso.

O lançamento, em 2003, de *Semântica formal*, organizado por Ana Lúcia Müller (USP), Esmeralda Negrão (USP) e Maria José Foltran (Federal do Paraná), e publicado pela Editora Contexto, pontua uma tradição de estudos semânticos no Brasil em torno da tradição lógica e da tradição mentalista na abordagem do significado lingüístico. A semântica formal é bastante presente nos estudos contemporâneos sobre o significado. A análise da sentença é privilegiada nessa abordagem, contribuindo, também, para a formação de uma série de estudos que buscam o diálogo entre a sintaxe e a semântica.

Em onze textos publicados por pesquisadores da área no Brasil, o livro aborda temas como: a semântica de modelos (José Borges Neto), relações de predicação e de papéis temáticos (Maria José Foltran e Márcia Cançado), semântica do sintagma nominal e dos reticulados para plurais (Ana Müller e Teresa Wachowicz), a questão do foco no português brasileiro (Susan Klein), a expressão da genericidade (Ana Müller), forma lógica e quantificação (Esmeralda Negrão), interpretação de sentenças clivadas (Marcello Modesto), propriedades lexicais em itens verbais e composicionalidade nas sentenças (Ana Scher e Evani Viotti). Comento a seguir o texto de uma das organizadoras do livro, Ana Müller.

Em “A semântica do sintagma nominal” (p. 61-73), Müller trata, inicialmente, de retomar alguns conceitos centrais da semântica formal e de apontar sua distinção em relação a outras abordagens lingüísticas; nesse percurso, a autora explica de que maneira se vêem as referências e co-referências dos sintagmas nominais, tomando como nível de análise privilegiado o da sentença e seu significado. O foco do texto está no sintagma nominal, as expressões referenciais por excelência que indicam “as entidades determinadas no mundo – os *nomes próprios*, os *pronomes*, as *descrições definidas* (os sintagmas nominais definidos) e as *descrições indefinidas* (os sintagmas nominais indefinidos)” (p. 63). A autora trata desses sintagmas procurando apontar seus tipos de denotação (a semântica formal utiliza *denotação* para indicar “entidades que uma expressão teria o potencial de referir”) e a semântica de suas relações anafóricas, seguindo pressupostos teóricos e formas de análise de uma semântica ancorada na tradição lógica e que estabelece fortemente uma interface com a sintaxe.

Ao lado do texto de Müller, o leitor vai encontrar, nas 243 páginas do livro, estudos aprofundados a respeito de temas semânticos dentro das tradições em destaque. As organizadoras afirmam, na Apresentação, que a publicação é uma forma de “mostrar que a Semântica é uma área não só importante dentro da Lingüística, mas também gostosa e intrigante”; mas, para que se alcancem esse prazer e curiosidade, é também preciso estudo e dedicação. A semântica formal,

reconhecidamente, é uma área que exige preparo e muita leitura para que a fruição de um texto se dê de forma completa. E a leitura de *Semântica formal* pode de fato trazer essa fruição, desde que o leitor já tenha trilhado bons caminhos na área e saiba conceitos básicos da disciplina, porque o livro não é um manual de iniciação, mas uma obra que aponta temas relevantes para estudo e os mostra de uma forma adequada para cursos de pós-graduação, por exemplo.

Seguindo perspectiva teórica diversa, está o lançamento, de 2005 pela Editora Parábola, de um breve estudo que coloca em foco os verbos em língua portuguesa. A questão do tempo verbal e de suas significações não é tão simples como aparece em livros didáticos e gramáticas normativas. Daí a importância da descrição e análise dos verbos e sua semântica no trabalho de Maria Luísa Monteiro Sales Corôa, em seu *O tempo dos verbos no português: uma introdução à sua interpretação semântica*. A autora retoma, agora nessa publicação de 96 páginas, tema de trabalho de 1985, publicado em Brasília, onde atua como professora da UnB nas áreas de Análise Lingüística, Semântica e Análise do Discurso.

Uma das bases teóricas adotadas pela autora nos quatro capítulos de análise é a abordagem do filósofo da ciência Hans Reichenbach (1891-1953) em seu *Elements of symbolic logic*, publicado em 1947. Nessa obra, Reichenbach reflete, entre outros tópicos, sobre a linguagem da conversação e escreve um capítulo sobre o tempo dos verbos, daí o interesse dos semanticistas no filósofo.

Nos capítulos 1 e 2, é estudada a noção de tempo nos verbos, privilegiadamente os tempos do modo indicativo. O capítulo 3 trata do aspecto verbal, tema sempre necessário nos estudos semânticos do português brasileiro e tão pouco abordado. O capítulo 4 procura oferecer um tratamento do verbo a partir de categorias como estrutura e comportamento. Lúcia Lobato, também professora da UnB e importante lingüista no cenário brasileiro, destaca, no Prefácio, a abordagem de Maria Luísa no tratamento das informações semânticas do verbo a partir da perspectiva dividida em três eixos: tempo, aspecto, estrutura e comportamento.

Esse trabalho inscreve-se numa série de outras abordagens já clássicas em relação ao tratamento de questões verbais no português. Nessa série estão: Ataliba Teixeira de Castilho e o seu *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*, de 1968; Eunice Pontes e o seu *Verbos auxiliares em português*, de 1973; Luiz Carlos Travaglia e o seu *O aspecto verbal no português*, de 1985; Rodolfo Ilari e o seu *A expressão do tempo em português*, de 1997. Nesses trabalhos, com objetivos e perspectivas diferentes, há a busca de entender a interpretação das expressões lingüísticas a partir do exame do tempo e do aspecto verbal, com a formação de uma gramática do português que esteja atenta a essas características do verbo.

Numa perspectiva mais ampliada, está o próximo trabalho a ser comentado. Partindo da significação como produto das relações textual-discursivas, enfocadas de maneira geral numa perspectiva sociocognitivista, o livro *Referenciação e discurso*, publicado também em 2005 pela Editora Contexto, trata o significado lingüístico como elemento articulado com a produção de linguagem, seus enunciadores, os contextos, enfim, como resultado de uma série de relações ligadas à enunciação, ao discurso e também aos posicionamentos argumentativos. Ainda que o livro não esteja inserido exatamente na área da Semântica, o objetivo aqui foi colocá-lo ao lado das outras publicações para evi-

denciar o amplo e heterogêneo espaço que as questões da significação ocupam na lingüística. Mais próxima de uma abordagem da lingüística textual, a publicação examina atividades de referência estabelecidas no material textual-discursivo que permitem que o receptor identifique o texto como um todo de sentido.

Referenciação e discurso foi organizado por Ingedore Villaça Koch, Edwiges Maria Morato e Ana Christina Bentes, professoras da Unicamp e pesquisadoras na Área da Lingüística Textual. Em 344 páginas, destacados lingüistas como Ingedore Koch, Luiz Antônio Marcuschi, Rodolfo Ilari são acompanhados por trabalhos de estudiosos do texto e de sua significação (Mônica Magalhães Cavalcante, Gabriela Zamponi, Clélia Spinardi Jubran, Edwiges Morato, Ana Bentes) e também por trabalhos e colaborações de estudantes de pós-graduação (Viviane Rio, Fernanda Cruz e Suzana Cortez). A lista de autores se completa com a colaboração de Lorenza Mondada, professora de Lingüística da Universidade de Lyon (França). Temas como referenciação e suas estratégias, argumentação, anáfora, dêixis são analisados, evidenciando a lingüística do texto e do discurso como também uma área de semântica do texto e do discurso, uma vez que por detrás de muitas das estratégias examinadas estão análises de como se dá a formação dos sentidos, dos significados nos textos.

O pressuposto teórico central que possibilita a reunião dos trabalhos é a abordagem do texto como elemento resultante de um complexo sociocognitivo, em que a *referenciação* (em substituição ao conceito não dinâmico de *referência*) e os *objetos-de-discurso* (substituindo o conceito de *referentes*) fazem parte de atividades de linguagem. Pela leitura da obra, pode-se verificar como a lingüística textual já alterou bastante definições como as de coesão e coerência baseadas numa gramática do texto e segue em direção a uma abordagem que privilegia as relações textuais e as formações de sentido como resultantes de um processo discursivo e cognitivo de significação. Comentarei brevemente os trabalhos de Koch e Marcuschi, que podem dar uma idéia das possibilidades de abordagem do texto e dos sentidos na perspectiva privilegiada pela obra, reveladora dos avanços da área na tentativa de entender, afinal, o que é um texto.

Em “Referenciação e orientação discursiva” (p. 33-52), Koch elabora seu trabalho relacionando estratégias coesivas de referenciação (remissão por formas nominais e remissão metadiscursiva) a procedimentos argumentativos. Pela análise de textos jornalísticos, a autora demonstra como mecanismos de anáfora, por exemplo, revelam posicionamentos argumentativos do enunciador, já que este está sempre em busca de posicionamento por meio da linguagem. Há nesse trabalho uma boa oportunidade de verificar como os estudos sobre a coesão textual ultrapassaram já a barreira da gramática do texto, que não conseguia ir além da identificação das estruturas e relações textuais. Koch demonstra, com um bom trabalho de análise, como é possível tornar as relações estruturais de um texto um elemento adequado para a exploração da função discursiva, no caso argumentativa, no uso da linguagem.

Marcuschi, em “Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras” (p. 53-101), reafirma o pressuposto teórico da obra ao afirmar que “as referências textuais são construídas no processo discursivo e de que muitos referentes são *objetos-de-discurso* construídos no modelo textual” (p. 54). A partir dessa premissa, o autor trata de um dos temas mais caros à lingüística textual e à semântica contemporânea: a anáfora indireta. Ao estabelecer relações de coe-

são com elementos não dados de forma explícita no texto, a anáfora indireta torna necessária uma revisão do próprio conceito de anáfora. Marcuschi, então, contextualiza a questão da anáfora, estabelece uma tipologia para as ocorrências de anáfora indireta e analisa trechos de textos à luz de suas observações teóricas. A conclusão do trabalho lista oito problemas que merecem ser investigados pela lingüística do texto, deixando a porta aberta para novas abordagens e perspectivas.

Essas três publicações, brevemente noticiadas aqui, são resultado da busca pelo entendimento do que é o significado lingüístico. O leitor interessado poderá encontrar nos três livros diferentes possibilidades de observar o intrigante fenômeno da significação, ora relacionado ao sentido e à sentença (*Semântica formal*), ora relacionado ao sentido e a propriedades do léxico (*O tempo dos verbos*), ora relacionado ao sentido, aos textos, ao discurso e ao uso da linguagem (*Referenciação e discurso*).

	CORÔA, M. L. M. S.
	<i>O tempo dos verbos no português:</i>
	uma introdução à sua interpretação
	semântica.
	São Paulo: Parábola, 2005. 96p.

	KOCH, I. V. et al. (Org.)
	<i>Referenciação e discurso:</i>
	São Paulo: Contexto, 2003. 342p.

	MÜLLER, A. L. et al. (Org.)
	<i>Semântica formal:</i>
	São Paulo: Contexto, 2003. 241p.